

**RITOS DE PASSAGEM NA CULTURA BIJAGÓ:
O PAPEL DO *FANADU DI MINDJER* NA FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURAL
DAS MULHERES NA ILHA DE UNO, NA GUINÉ-BISSAU¹**

Nezi Conauin Flávio Enhapam²

RESUMO

Este artigo trata da cerimônia de *fanadu di mindjer* na sociedade Bijagó, tendo como objetivo, compreender os valores sociais, morais e culturais transmitidos por meio da cerimônia do *fanadu* na ilha de Uno, tabanka de Anghonhó. Identificar os principais processos que caracterizam a cerimônia do ritual de iniciação do *fanadu* feminino do povo Bijagó; demonstrar a importância que a cerimônia (*fanadu di mindjer*) tem para esse povo, além de discutir as transformações ocorridas, ao longo do tempo em decorrência de mudanças sociais, educativas e influências externas. A metodologia adotada incluiu levantamento bibliográfico, entrevistas semiestruturadas com mulheres Bijagó da comunidade e de experiências diferentes, os dados coletados foram analisados qualitativamente, considerando o contexto sociocultural da comunidade. O estudo evidencia a importância do *fanadu* na preservação das tradições, na formação dos indivíduos e na coesão social do grupo. Apesar das adaptações contemporâneas, o ritual permanece como um momento de fortalecimento dos laços comunitários e de reafirmação dos valores ancestrais, mesmo diante das pressões da modernidade e do sistema escolar. Assim, contribui para o entendimento das práticas culturais tradicionais e reforça a necessidade de valorização do patrimônio cultural imaterial dos Bijagós.

Palavras-chave: Bijagó (Povo africano) - usos e costumes; circuncisão feminina; mulheres - Uno (Guiné-Bissau) - aspectos sociológicos.

ABSTRACT

This article addresses the *fanadu di mindjer* ceremony in Bijagó society, aiming to understand the social, moral, and cultural values transmitted through the *fanadu* ceremony on Uno Island, in the Anghonhó village. It identifies the main processes that characterize the initiation ritual ceremony of female *fanadu* among the Bijagó people; demonstrates the importance of the ceremony (*fanadu di mindjer*) for this people; and discusses the transformations that have occurred over time due to social and educational changes and external influences. The methodology adopted included bibliographic research, semi-structured interviews with Bijagó women from the community and with different experiences. The collected data were analyzed qualitatively, considering the sociocultural context of the community. The study highlights the importance of the *fanadu* in preserving traditions, shaping individuals, and fostering social cohesion within the group. Despite contemporary adaptations, the ritual remains a moment for strengthening community ties and reaffirming ancestral values, even in the face of pressures from modernity and the school system. Thus, it contributes to the understanding of traditional cultural practices and reinforces the need to value the intangible cultural heritage of the Bijagós people.

Palavras-chave: Bijagó (African people) - customs and traditions; female circumcision; women - Uno (Guinea-Bissau) - sociological aspects.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

² Bacharela em Humanidades e graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho “**Ritos de passagem na cultura Bijagó: O papel do *Fanadu di Mindjer* na formação social e cultural das mulheres na Ilha de Uno, Guiné-Bissau**” tem como propósito compreender os valores sociais, morais e culturais transmitidos por meio da cerimônia do *fanadu* na ilha de Uno, tabanka de Anghonhó. Ademais, busca identificar os principais processos que caracterizam a cerimônia do ritual de iniciação do *fanadu* feminino do povo Bijagó; demonstrar a importância que a cerimônia (*fanadu di mindjer*) tem para o povo Bijagó; e analisar os impactos de proibição de *fanadu* em algumas etnias na Guiné-Bissau. Para os Bijagó, o *fanadu* é um ritual que simboliza a passagem de uma fase da vida para outra, marcando uma mudança de condição social. A cerimônia ocorre a cada dez anos, geralmente entre os meses de junho, julho e agosto, sendo um momento de reunião para a maioria dos filhos e filhas da ilha, incluindo aqueles dispersos por diferentes regiões do país. Sendo assim, um momento de mobilização e reencontro de toda a comunidade. Durante o *fanadu*, tradicionalmente, os mais velhos ensinam às meninas e aos meninos as normas de comportamento e os valores culturais essenciais para a vida em sociedade, fortalecendo os laços sociais e de manutenção da identidade cultural do povo Bijagó, através da transmissão oral (Enhapam, 2023).

Na sociedade Bijagó, a cerimônia de *fanadu* possui um profundo valor social, cultural e moral, sendo utilizada como uma prática de educação dos filhos e filhas, especialmente para os mais jovens. O processo e as etapas do ritual diferenciam-se entre meninas e meninos, assim como entre as pessoas que já foram iniciadas e aquelas que ainda não participaram do *fanadu*. Neste artigo, o foco principal é destacar o processo que caracteriza o ritual do *fanadu* feminino. Para os Bijagó, as pessoas que participaram desse ritual são consideradas as mais respeitadas na sociedade; as formas de cumprimentar os outros utilizadas por elas refletem a educação adquirida por meio do ritual, evidenciando a distinção entre quem participou e quem não participou dele. Além disso, há locais considerados sagrados, aos quais apenas as pessoas iniciadas podem ter acesso, enquanto as que ainda não foram iniciadas permanecem impossibilitadas de entrar, reforçando a importância e a reverência atribuídas ao ritual na estrutura social da comunidade.

Este trabalho concentra-se na região de Bolama-Bijagós, concretamente no sector de Uno. Bolama-Bijagós é uma região da Guiné-Bissau que corresponde ao Arquipélago dos Bijagós, tem uma população de aproximadamente 32.500 habitantes, dos quais cerca de 90% pertencem à etnia Bijagó, sua capital é cidade de Bolama (IBAP, 2018). Este arquipélago tem

níveis de escolaridade, usando um roteiro com perguntas abertas para explorar seus significados, percepções e valores associados ao ritual, o que foi realizado com apoio de colaboradores locais para ampliar a abrangência. Por fim, os dados coletados foram analisados qualitativamente, interpretando-os no contexto cultural, social e histórico, de modo a compreender o *fanadu* como expressão cultural e social, contribuindo para a valorização da tradição e para estudos acadêmicos na área das ciências sociais, especialmente da antropologia.

A justificativa deste artigo está na importância de compreender e valorizar o rito de iniciação feminina *Fanadu di Mindjer*, praticado pelo povo Bijagó na Guiné-Bissau, apesar de sua relevância social, cultural e moral na formação da identidade e na transmissão de valores entre as gerações, essa cerimônia permanece pouco conhecida e reconhecida, especialmente em meio à diversidade cultural do país. Enquanto isso, a prática mais conhecida do *fanadu* é o corte genital⁵, usada por alguns povos na Guiné-Bissau, tomado, muitas vezes, de maneira generalizante para definir o *fanadu*, considerando que todos os grupos adotam a prática do corte, sendo que cada grupo apresenta suas particularidades na realização do *fanadu*. Este estudo busca preencher essa lacuna ao destacar sua importância como rito de passagem, elemento de coesão social e instrumento de educação dos valores tradicionais, além de contribuir para a preservação cultural e combater prenoções e avaliações distorcidas e equivocadas que produzem e reproduzem mal-entendidos. Dessa forma, o trabalho promove o reconhecimento do significado dessa prática, fortalecendo a identidade do povo Bijagó e contribuindo para futuras pesquisas, em um esforço de resistência e continuidade cultural.

Estruturalmente, o artigo está dividido em duas seções principais, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção trato dos ***Ritos de Passagem e suas Funções Sociais***, abordando a importância desses rituais na transformação de fases da vida e no fortalecimento das estruturas sociais na comunidade. A segunda seção dedica-se à ***Cerimônia de Fanadu: características, significados e funções na sociedade Bijagó***, na qual explora suas características, significados e funções na sociedade Bijagó. Neste tópico, apresento uma discussão conceitual e teórica sobre o *fanadu*, destacando suas diferenças em relação a outros povos da Guiné-Bissau, além de abordar as principais características e as transformações do

procedi à leitura cuidadosa e selecionei os trechos mais importantes para a elaboração do estudo. Depois, analisei todos os dados coletados e estabeleci um diálogo entre as falas das entrevistadas e os trabalhos acadêmicos utilizados na pesquisa.

⁵ Corte genital — o termo refere-se a procedimentos não médicos que removem uma parte do clitóris. Na sociedade guineense a prática é realizada por alguns grupos étnicos no *fanadu*, principalmente entre os Mandingas e Fulas. É considerado como uma prática cultural antiga e que a muitos anos vem sendo praticada na sociedade guineense, entres as etnias citadas.

fanadu e do *fanadu di mindjer*. Nas considerações finais, retomo os objetivos do trabalho e os principais resultados que cheguei com a pesquisa.

2 RITOS DE PASSAGEM E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS

De acordo com Genep (2011), tanto a vida individual quanto a estrutura social se caracterizam por um processo contínuo de transição entre diferentes idades, fases e ocupações. Essas mudanças não ocorrem de maneira aleatória, mas são acompanhadas por ritos ou atos específicos que desempenham um papel fundamental na preparação e na aprendizagem dos indivíduos para os novos papéis e responsabilidades que essas etapas representam. Esses atos especiais funcionam como uma espécie de ensinamento, permitindo que as pessoas internalizem os valores, conhecimentos e habilidades necessários para ingressar na próxima fase de suas vidas ou na nova posição dentro da sociedade. Assim, esses ritos de passagem se configuram como momentos essenciais que sustentam a continuidade cultural e social, reforçando a importância das cerimônias e dos atos simbólicos na constituição da identidade individual e na manutenção da estrutura social.

Na mesma perspectiva, Saporetti e Silva (2009), salienta que os ritos de passagem representam celebrações que sinalizam transformações na condição de cada indivíduo, funcionando como momentos simbólicos que marcam as principais fases e transições de sua vida. Entre essas transições, destacam-se eventos fundamentais como o nascimento, a entrada na idade adulta, o casamento e a morte. Esses ritos desempenham um papel importante na percepção social dessas mudanças, além de favorecerem uma compreensão coletiva sobre os ciclos da vida, reforçando os valores culturais e sociais associados a cada etapa. Assim, os ritos de passagem funcionam não só como instrumentos de celebração, mas também como procedimentos de reconhecimento e validação dessas fases, consolidando a continuidade cultural e o papel de cada pessoa dentro do grupo ou sociedade.

De acordo com Rodolpho (2004), os rituais possuem um papel importante ao conceder autoridade e legitimidade às pessoas, contribuindo para a estruturação e organização das posições sociais por meio dos valores morais e das visões de mundo compartilhadas pela comunidade. Nesse sentido, a iniciação é vista como uma expressão sintética dos ritos de passagem, funcionando como um rito de formação que marca a distinção clara entre aqueles que passaram pelo processo de iniciação e os que ainda não o fizeram. Assim, a iniciação desempenha uma função crucial na definição do status social e na diferenciação dos indivíduos

dentro do grupo, fortalecendo as ligações culturais e consolidando a hierarquia social baseada nos valores e normas estabelecidos pelo ritual.

Ainda nesse mesmo entendimento, Peirano (2003), conforme citado por Rodolpho (2004), define o ritual como um sistema de comunicação simbólica que faz parte de um conjunto cultural. Esse sistema é responsável por promover a continuidade das práticas e dos valores sociais por meio de uma combinação de palavras e ações, que são realizadas e transmitidas através de diversos meios de expressão. As sequências ritualísticas, segundo essa perspectiva, possuem um conteúdo que varia de acordo com os diferentes costumes e tradições praticados pelo grupo, refletindo a diversidade cultural e a importância de reafirmar as identidades e as regras sociais por meio de ações simbolicamente carregadas.

Turner (1974) no seu estudo frisa que, segundo Van Gennep, que todos os ritos de passagem se caracterizam em três fases, que são: a separação, linearidade ou margem e agregação ou incorporação. De acordo com o Turner, a primeira fase o indivíduo é simbolicamente, separado de sua posição social anterior do seu contexto habitual, a fase que mostra o sentido de uma vida a ser deixada, ou seja, desligamento do seu status anterior. A linearidade é a fase que o participante não se encontra ou não pertence a nenhum estado anterior e nem incorporado no novo, período de transição, de status suspense temporário. Considerado como a fase crucial na transformação individual e social. A terceira o indivíduo é reincorporado na sociedade, com um novo status, significa que a transição foi concluída e reconhecida. Tem que comportar de acordo com certas normas, costumes e padrões da sua nova posição.

Na sociedade guineense, tanto o ritual de casamento quanto a iniciação pelo *fanadu* são considerados ritos de passagem, pois simboliza mudanças significativas na vida social e na trajetória individual das pessoas. Quando alguém passa por esses rituais, seu status de vida sofre uma transformação, representando uma ruptura com o passado e o começo de uma nova fase, o que pode ser encarado como um verdadeiro renascimento. Esses ritos, portanto, desempenham um papel fundamental na delimitação de etapas na existência dos indivíduos, consolidando sua entrada em novas condições de status social e reafirmando a continuidade cultural e identitária do grupo ao qual pertencem.

No entanto, os ritos de passagem, como o *fanadu* no povo Bijagó, representam cerimônias fundamentais que marcam a transição de fases na vida social, especialmente a iniciação feminina. Para os Bijagós, esses rituais são essenciais para consolidar a identidade cultural, estabelecer o respeito na sociedade e promover a transmissão de valores morais e culturais às novas gerações. O *fanadu*, em particular, é um rito de formação que simboliza a passagem da infância para a vida adulta, valorizado por sua importância social e moral, e reflete

a resistência e preservação das tradições dessa etnia, mesmo diante de questionamentos e transformações sociais e culturais decorrentes do modelo de sociedade moderna global.

3 CERIMÔNIA DO *FANADU*: CARACTERÍSTICAS, SIGNIFICADOS E FUNÇÕES NA SOCIEDADE BIJAGÓ

Esta seção aborda a discussão teórica sobre a cerimônia de *fanadu*, explorando suas principais características, os significados atribuídos a ela e as funções que desempenha na sociedade Bijagó. São analisados os valores culturais e morais transmitidos por meio dessa cerimônia, bem como o papel que o *fanadu* desempenha na formação social, na educação das novas gerações e na preservação das tradições do povo Bijagó. Além disso, também discute as transformações que essa cerimônia vem sofrendo ao longo do tempo, refletindo as mudanças sociais, religiosas e as adaptações às novas condições de vida na comunidade.

3.1 *FANADU*: DISCUSSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

O termo *fanadu* que é utilizado na língua crioulo guineense, refere-se às cerimônias de iniciação realizadas tanto para rapazes quanto para meninas, simbolizando a transição de uma fase da vida para outra. Essa prática é comum em várias etnias da Guiné-Bissau, embora cada grupo possua suas próprias formas de realizar o ritual, evidenciando a grande diversidade cultural do país, que é composto por mais de trinta grupos étnicos (Rosário, 2018). Além de sua presença em diferentes comunidades, o *fanadu* possui uma importância significativa na construção social e cultural, sendo considerado uma prática sagrada dentro da sociedade guineense, uma vez que reforça os valores tradicionais, a identidade étnica e o papel de cada indivíduo na sua comunidade.

Segundo Carvalho e Madeira (2009), o *fanadu* é uma cerimônia que simboliza a passagem de uma fase ou condição social para outra, sendo realizado de forma gradual e por etapas. Nesse rito, os mais jovens têm a obrigação de levar presentes como cana, tabaco, arroz e vinho de palma para oferecer aos mais velhos, sendo esse gesto conhecido como “pagamento dos grandes”. O *fanadu* possui uma grande importância para os povos Bijagós, pois funciona como um reconhecimento do indivíduo pela comunidade, além de possibilitar o acesso aos principais segredos e conhecimentos sobre a etnia. Para Carvalho e Madeira ainda, o ritual reforça a sua relevância ao mostrar que, por meio da passagem pelo *fanadu*, tanto homens

quanto mulheres se tornam formalmente membros da sociedade Bijagó, adquirindo, assim, o conhecimento e os segredos essenciais à sua cultura.

No mesmo sentido, Monteiro (2022), salienta que na sociedade guineense, o *fanadu* é celebrado como um ritual de passagem que marca a passagem das mulheres e dos homens para a vida adulta, sendo especialmente praticado durante a puberdade. Trata-se de uma tradição ancestral que se mantém viva até os dias atuais, profundamente enraizada na cultura e carregada de significados simbólicos e sociais. O *fanadu* é visto como uma prática de purificação e higiene feminina, uma vez que, de acordo com a concepção tradicional, a mulher que não passa por esse ritual é considerada impura e pode enfrentar dificuldades para contrair matrimônio.

De acordo com Scantamburlo (1978), o *fanadu* constitui um conjunto de ritos, regras e cerimônias que representam a entrada de crianças, jovens e adultos em um grupo social e cultural, sendo uma prática que se transmite de geração em geração há muitos anos. Entre os principais objetivos dessas cerimônias de iniciação está a educação dos jovens, ressaltando que, para o povo Bijagó, embora os pais sejam capazes de cuidar da criação física dos filhos, eles não possuem a capacidade de educá-los adequadamente. Nesse contexto, são os mais velhos das tabankas ou aldeias que têm a responsabilidade de levar os jovens ao *manrach*.⁶

Para os Bijagós, a cerimônia de iniciação feminina, conhecida como *fanadu di Mindjer*, é um momento que as mulheres usam para partilhar seus segredos, discutir sobre a educação das meninas e se sentirem como parte integrante da sociedade. Dessa forma, a iniciação feminina tem intuito de proporcionar um espaço próprio para debater questões relacionadas às mulheres, reeducar as meninas e ensinar como elas podem se tornar figuras maduras na sociedade Bijagó, consolidando uma distinção e uma necessidade de inclusão específica para as mulheres nesse contexto cultural (Enhapam, 2023).

O longo processo das cerimônias femininas contribui para elevar o status social das mulheres na sociedade Bijagó, uma vez que o simples fato de nascer na comunidade não é suficiente para que elas sejam reconhecidas como membros plenos dessa sociedade. Através dessas cerimônias, as mulheres podem alcançar um nível de reconhecimento social equivalente ao dos homens, o que pode ser interpretado como uma forma de emancipação, fortalecendo sua posição e valorização dentro do grupo social (Scantamburlo 1978).

O *fanadu* possui vários aspectos positivos para a sociedade Bijagó, especialmente na forma de educar os mais jovens. Uma pessoa que participou do *fanadu* já demonstra diferenças

⁶*Manrach* é o local onde a iniciação às tradições culturais da comunidade é realizada, reafirmando e fortalecendo a transmissão dos conhecimentos e valores culturais.

em seu modo de comunicação, evidenciando maior respeito pelos mais velhos na hora de interagir e de responder, o que reforça os valores de cortesia e respeito ensinados durante a cerimônia. “É fácil diferenciar se a pessoa passou pelo *fanadu* ou não, porque o nosso comportamento muda não nos comportamos da mesma forma com as que não foram, porque já recebemos a educação dentro da baraka” (Constantina, entrevista 10/08/2025).

Na sociedade Bijagó, meninas ou mulheres que não passaram pelo ritual de iniciação são chamadas de *bulufu* — termo pejorativo no crioulo guineense que indica que essas mulheres não possuem a educação ou o conhecimento das regras da etnia. Além disso, também são denominadas de “*ka kusi udju*”, expressão que se refere àquelas que não sabem “falar com os olhos”, ou seja, que não receberam os ensinamentos essenciais para compreender certos aspectos da vida. Essas denominações refletem a percepção de que a ausência do ritual implica na falta de *status* dentro da sociedade, sendo essas mulheres marginalizadas e consideradas como não plenamente integradas na comunidade, devido à sua suposta falta de conhecimento cultural e social (Enhapam, 2023).

Para além disso, na cultura Bijagó, a passagem pelo ritual do *fanadu* está relacionada também aos últimos momentos de ligação com o corpo da mãe, ou seja, quem não passou pela iniciação não pode lavar o cadáver da própria mãe nem participar das cerimônias fúnebres, cabendo a outras pessoas desempenhar essas funções. Além disso, quando uma mulher falece, a responsabilidade de realizar todas as cerimônias antes do sepultamento recai sobre a filha, e o fato dela não conseguir participar dessas etapas é visto como uma grande vergonha para a família, reforçando a importância social e cultural atribuída à participação no ritual de iniciação do *fanadu* (Enhapam, 2023).

Portanto, o *fanadu* constitui uma cerimônia de grande relevância para as mulheres Bijagós, uma vez que representa um rito essencial de reconhecimento e inserção plena na comunidade. Trata-se de uma prática tradicional que expressa os valores culturais e os costumes do povo Bijagó, conferindo às iniciadas um status social diferenciado. Contudo, observa-se que, nas últimas décadas, diversos rituais das culturas tradicionais da Guiné-Bissau têm sido objeto de questionamento, sobretudo por parte das gerações mais jovens, o que tem provocado transformações nas formas de realização dessas práticas e na transmissão dos saberes e valores a elas associados.

É relevante destacar que, na Guiné-Bissau, o termo *fanadu de mindjer* é frequentemente conhecido como procedimento de “corte genital” realizado por algumas etnias, como Mandinga e Fula, entre outras. Consoante a Monteiro (2022), essa prática consiste na remoção de uma parte do clitóris e é uma tradição antiga que vem sendo perpetuada na sociedade dessas etnias

ao longo de muitos anos. Assim, o *fanadu de mindjer*, para grande parte da população, está relacionado ao procedimento do corte genital feminina, uma compreensão que prevaleceu no país de que só existe uma única forma de realizar o *fanadu*.

Nas sociedades como Fula e Mandinga, as meninas que não passam pelo procedimento do corte genital não são reconhecidas como adultas, pois essa condição só é atribuída àquelas que passaram pela prática, o que as torna vistas como responsáveis e plenamente responsáveis na sua comunidade. Mesmo que uma mulher seja mais velha, ela pode não ser considerada adulta ou merecedora de respeito, caso não tenha passado por esse ritual, indicando que a submissão ao *fanadu* especificamente ao corte genital, é fundamental para a obtenção de status social e reconhecimento de maturidade dentro dessas sociedades. Dessa forma, a prática funciona como um marco importante de passagem para a fase adulta e de respeito social, reforçando a sua importância na estrutura cultural dessas comunidades (Fernandes, 2016).

Da mesma forma, de acordo com Monteiro (2022), na sociedade guineense, o *fanadu*, com o corte genital, é visto como um ritual de passagem que marca a transição de uma fase para outra na vida das mulheres, sendo celebrado em todas as faixas etárias, sobretudo durante a puberdade. Essa cerimônia simboliza a mudança das meninas para a fase adulta, conferindo-lhes um novo status social e responsabilidade na comunidade. Assim, o ritual desempenha um papel fundamental na delimitação das etapas de maturidade e na divulgação social do alcançado desse novo estágio de vida, reforçando sua importância como um momento de transformação e reconhecimento na cultura local.

Segundo Fernandes (2016), em algumas sociedades guineenses, a prática do corte genital é vista como um costume e uma tradição profundamente enraizada nessas comunidades, refletindo aspectos culturais e sociais específicos. Contudo, essa mesma prática é alvo de contestação por parte de grupos internacionais, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e diversas organizações das Nações Unidas, que a consideram uma violação dos direitos humanos e uma ameaça à saúde das mulheres. Essas entidades alertam para as graves complicações físicas e psicológicas decorrentes do procedimento, que podem levar a mortes e à transmissão de doenças como o HIV/AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida), tornando-se, assim, uma questão de saúde pública global de extrema preocupação.

De maneira geral, observa-se que há diferenças na forma de realização do *fanadu di mindjer* entre a etnia Bijagó e outras etnias presentes na Guiné-Bissau, como as Fula e Mandinga, que praticam o corte genital feminino durante o seu rito de iniciação sendo parte da sua tradição, enquanto entre os Bijagós esse procedimento não é realizado, não fazendo parte de suas tradições. Não levar em conta essa distinção, muitas vezes, leva à percepção equivocada

de que o *fanadu di mindjer* em geral estaria relacionado somente ao corte genital feminina, o que não corresponde à realidade porque cada grupo tem a sua forma realizar. Assim, é necessário compreender a complexidade e as particularidades culturais de cada povo. Mesmo dentro de um mesmo país, uma mesma cerimônia de iniciação feminina, a exemplo do *fanadu* entre os guineenses, não são realizadas da mesma forma.

3.2 OKINKA RESPONSÁVEL DE BARAKA DE *FANADU*

Na ilha de Uno, na tabanka de *Anghonhó*, a ***Okinka*** (mulher e homem) mas, a *okinka femia* que é figura principal, é a dona, ou seja, a rainha da tabanka, sendo responsável por todas as cerimônias realizadas na tabanka e nas *balobas/ kandjangó*. Ela é a chefe máxima para determinar as regras do *fanadu* e é responsável por consultar o Iran ou ***Orebok***.⁷ Ao seu redor, há pessoas indicadas para auxiliar na realização das cerimônias. A "Okinka" é responsável pelas iniciações tanto das mulheres e quanto dos homens. Para compreender melhor a figura da *Okinka no fanadu* é necessário retomar a história do surgimento dos quatro clãs dos Bijagós.⁸

Segundo a tradição oral Bijagó, tudo teve início com Deus "Nindo", o Criador, que sempre existiu, e no começo da vida foi criada a primeira ilha *Orango*, que representava o mundo. Com o passar do tempo, chegou um homem chamado *Akapakama* e sua mulher, que tiveram quatro filhas: *Orakuma*, *Ominka*, *Ogubane* e *Oraga*. Posteriormente, surgiram os animais e as plantas. Cada uma dessas filhas, por sua vez, teve vários filhos que receberam direitos específicos do seu avô.

Os *Orakuma* ficaram com os direitos sobre a terra, a direção das cerimônias realizadas nela e o direito de fazer estatuetas do Iran, sendo a primeira a realizar uma delas, feita à imagem do próprio Deus. Da mesma forma, também foi dado às suas irmãs esse direito. As/os filhas/os de *Ominka* receberam o mar e passaram a cuidar da pesca; as/os filhas/os de *Oraga* ficaram com os cuidados da natureza, das bolanhas⁹ e das palmeiras, que simbolizam a riqueza; e as/os filhas/os de *Ogubane*, por sua vez, ficaram com o poder de desencadear a chuva e o vento, podendo controlar as épocas de seca e de chuvas, desempenhando funções que se complementam, cada uma delas com um papel distinto na manutenção e equilíbrio do mundo (Fortes, 2011).

⁷ Iran é uma palavra na língua crioulo guineense e *orebok* na língua Bijagó, que refere-se a um espírito, uma parte da energia universal. Na sociedade Bijagó é mais comum encontrar a figura *reebok* em formato de pedra.

⁸ Clã na língua crioula é *djorson*.

⁹ Espaço alagadiço reservado ao cultivo do arroz.

De acordo com Joaquina, entrevistada em 07/08/2025, na *tabanka de Anghonhó* todos os quatro clãs pertencem a uma *baloba* ou *kandjangó*.¹⁰ A *Orakuma* é quem governa e é responsável por realizar todas as cerimônias nela. As *Okinkas* devem ser escolhidas entre as pessoas pertencentes ao *djorson* da *Orakuma* ou entre as filhas desse mesmo clã. Não há *fanadu* sem a presença das *Okinkas*, pois são elas a figura central na condução dos rituais e das cerimônias realizadas nesse contexto. Na sociedade Bijagó, percebe-se que as mulheres assumem funções de grande relevância, o que leva muitos a considerarem essa sociedade como um matriarcado.

Segundo Fortes (2011), nessa sociedade, a mulher detém o poder de decidir como será realizada a cerimônia de *fanadu*, incluindo quais rituais serão realizados, seus propósitos e o momento adequado para sua realização. Durante esse período, ela é acompanhada por um grupo de mulheres que, temporariamente, deixam de se dedicar às suas atividades produtivas tradicionais e se dedicam a si mesmas e às tarefas relacionadas à cerimônia. As mulheres discutem entre si o que consideram adequado, seguindo regras sociais específicas que orientam a comunidade Bijagó, embora tais decisões sejam exclusivamente delas e possam levar meses para serem concluídas, pois o tempo é determinado unicamente por elas.

Na mesma visão, Joaquina, entrevistada em 07/08/2025, salientou que, na *Anghonhó*, a realização das cerimônias de escolha de *Okinka* é responsabilidade das mulheres, que os homens não participam dos eventos, são informados só depois sobre quem foi indicado ao cargo de *Okinka* quando é divulgado pelos “*dufuntos*” ou “*iarebok*”.¹¹ No entanto, nesta sociedade, o exercício religioso é realizado tanto por homens quanto por mulheres de maneira igualitária, e as mulheres não necessitam da intervenção dos homens para estabelecer contato com o sobrenatural. Diferentemente de outras religiões, onde a presença feminina é restrita ou as mulheres ocupam papéis secundários, no contexto Bijagó, elas participam ativamente das práticas religiosas sem limitações específicas (Fortes, 2011).

¹⁰ É uma casa onde todas as cerimônias são realizadas.

¹¹ É no crioulo guineense e *iarebok* na língua bijagó, são denominações usadas para algumas mulheres no processo de *fanadu*. A pessoa se torna *Orebok*, no primeiro dia da safda da Baraka, onde as recém iniciadas tem dever de apresentar as danças na *tabanka* que aprenderam durante sua estadia no *fanadu*.

3.3 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES DO FANADU E DO FANADU DI MINDJER

Entre as diferentes ilhas que compõem o Arquipélago dos Bijagó, há variações na forma de realizar a cerimônia de *fanadu*, tanto em termos de duração quanto de organização. Em algumas ilhas, a prática leva um tempo maior para ser concluída, enquanto em outras essa duração é mais curta. De acordo com os estudos de Carvalho e Madeira (2009), a organização da cerimônia também varia, às vezes é planejada ao nível das ilhas e noutros momentos, ao nível das *tabankas*. Além disso, enquanto tradicionalmente a cerimônia tem cerca de três meses, com duração de até seis anos, como ocorre na ilha de Canhabaque. Essas variações refletem mudanças e adaptações nas tradições, ocasionadas por fatores organizacionais e sociais locais, indicando uma flexibilização e uma mudança do rito, ao longo do tempo.

Na ilha de Uno, que é o foco desta pesquisa, a cerimônia de *fanadu* tanto para mulheres quanto para homens costuma ocorrer a cada dez anos, com uma duração que varia de um mês e meio a dois meses, dependendo da organização específica de cada *tabanka*. Esses rituais são realizados em locais distintos, as mulheres passam pelo *fanadu* nas *Barakas*, enquanto os homens realizam suas cerimônias na Mata. Cada grupo enfrenta etapas diferentes ao longo do processo, o que evidencia uma organização ritualística diferenciada entre gêneros e locais específicos, refletindo as particularidades culturais e sociais dessa comunidade (Enhapam, 2023).

O *fanadu* entre os Bijagós possui seis etapas principais para os homens e cinco para as mulheres, conforme o quadro a seguir:

Etapas de <i>fanadu</i> Bijagó	Homens	Mulheres
<i>Canhocám</i> (adolescentes)		
<i>Cabaro</i> (jovem)		
Canhevoque/<i>fanadu</i> (iniciação)		
Camabi (recém iniciado/a)		
Oboneh/<i>lambé</i> , (iniciador/a)		
Oconton (ancião/ã)		

Fonte: Enhapam (2023).

A etapa conhecida como **canhocám** é exclusiva dos rapazes adolescentes, iniciada na fase da puberdade e durando até aproximadamente seis anos, geralmente dos 12 aos 17 anos de idade, tendo como atividade principal as danças. Essa fase marca uma passagem importante na formação do jovem, envolvendo ritos que simbolizam a transição para a adolescência e a responsabilidade social associada a essa fase. Embora as meninas não pratiquem essa etapa específica, ela apresenta semelhanças com a etapa inicial das meninas, pois ambas envolvem idades próximas e atividades similares, sobretudo as danças, que desempenham um papel central nesses ritos de passagem. Assim, o **canhocám** destaca-se como uma fase de preparação e educação dos jovens meninos dentro do processo de iniciação, reforçando a importância do grupo e das práticas culturais na formação do adulto na cultura Bijagó (Scantamburlo, 1978).

De acordo com a entrevistada Joaquina C. Abussé (14/05/2023), **cabaro** é a etapa inicial da cerimônia feminina, constitui-se como a fase inicial da cerimônia de *fanadu* feminina, representando um período de preparação para a entrada no *fanadu*. Nesse momento, as meninas aprendem a dançar e desenvolvem músicas próprias de acordo com a dança escolhida, realizando apresentações na tabanka, que são momentos de visitas ou de despedidas dos parentes e amigos. Durante essa fase, elas recebem uma quantidade significativa de presentes, simbolizando o reconhecimento e o apoio da comunidade. No entanto, essas danças também funcionam como uma forma de despedida, já que as jovens não sabem exatamente o que as aguardam dentro da barraca, entendendo-se que essa etapa serve como uma preparação emocional e simbólica para a experiência que está por vir na cerimônia de iniciação.

Na segunda etapa do *fanadu*, conhecida como **canhevoque**, as meninas são retiradas ou afastadas de seus familiares, parentes e da comunidade dentro da tabanka, para ingressar no local sagrado do *fanadu*, conhecido como *baraka de fanadu* ou **manrach**. Nesse ambiente, elas passam por processos de ensinamentos, aprendizados e reeducação, que envolvem conhecimentos e segredos que não podem ser revelados fora desse espaço, pois são considerados sagrados e de grande importância ritual. A divulgação desses segredos pode trazer consequências graves, como doenças ou até a morte para quem os revela. Essa etapa é entendida como um momento de liminaridade, na qual os participantes são considerados ignorantes, uma espécie de renascimento ou transformação, pois ao saírem do espaço do *fanadu*, as pessoas passam a ser consideradas novas ou diferentes, tendo acesso a conhecimentos e segredos que as elevam a um nível superior dentro da sociedade.

A etapa de **camabi**, também conhecida como *fanadu nobu*, marca a saída das pessoas do local do *fanadu*, a *baraka*, sendo consideradas iniciadas e como isso renascidas, pois abandonaram suas vidas passadas e passarão a viver uma nova fase e atribuídos um novo nome.

De acordo com Joaquina C. Abussé, essa é uma das etapas mais importantes do processo de *fanadu*, já que é nesse momento que a iniciada deve demonstrar ou aplicar tudo o que aprendeu durante sua passagem pela baraka sagrada. Além disso, é vedado que a recém-iniciada se comunique com homens que ainda não participaram do *fanadu* e ela também é proibida de manter qualquer relacionamento amoroso com homens durante esse período, conhecido como *camabindade*. Essa fase representa, portanto, um momento de transformação e renovação, em que as iniciadas assumem uma nova identidade social e espiritual, fundamentada nos ensinamentos adquiridos no espaço ritual.

Após a saída das barracas, as *camabés* adotam uma aparência ritualística que enfatiza sua condição de iniciadas, vestindo-se de uma determinada forma simbólica. Elas usam saias feitas de pó de árvores, amarradas na cintura, além de uma saia pequena atravessada no peito e contas nos joelhos e nos braços. Seu corpo é untado com óleo de palma, conhecido como *Siti burmedju*, “**inkidi**”, além disso, realizam cortes específicos no cabelo e pintam-se com lama vermelha, chamada **édjedja**, e carvão preto, simbolizando elementos de pureza, renovação ou identidade cultural. Durante o cumprimento de diferentes momentos do ritual, as *camabés* caminham descalças, com a cabeça empinada, segurando as mãos na frente e sempre na cintura, postura que demonstra respeito e reverência perante as outras pessoas. Essa vestimenta e comportamento ritual reforçam o status de iniciada, além de manterem vivo o simbolismo e as tradições da cerimônia.

Figura 2 - Álbum da família e retrata o processo do *fanadu* junto com minha prima



Fonte: Acervo familiar. Fotografia feita pelo marido da irmã da minha mãe, meu tio Albino Guerra (Uno, 2003).

A quarta etapa do ritual de *fanadu*, conhecida como **oboné** ou **lambé**, corresponde ao momento em que a pessoa que já passou pela iniciação se torna iniciadora e assume o papel de educadora, sendo responsável por iniciar outras pessoas no processo. Essa fase representa os passos finais da cerimônia, indicando a conclusão do ciclo de formação e a passagem do iniciado ao papel de transmissão do conhecimento, consolidando assim o papel de guardião das tradições e ensinamentos.

A última etapa, denominada **ocontó**, ocorre após a conclusão de todas as cerimônias pelo participante. Segundo Madeira e Carvalho (2009), o **ocontó** desempenha a função de guardião do conhecimento e das regras socioculturais tradicionais, sendo alguém que recebe ofertas dos mais jovens como forma de reconhecimento, além de atuar como uma figura que preserva e transmite os saberes ancestrais. Esses indivíduos são considerados depositários do conhecimento cultural e aguardam o momento de receber contribuições durante a cerimônia, tarefa que é simbolizada pelo pagamento de uma oferenda chamada “*paga garandesa*”, que representa a retribuição e o respeito pelos ensinamentos passados.

Todas essas etapas demonstram a importância do ciclo de transmissão e preservação dos valores culturais na tradição do *fanadu* entre o povo Bijagó.

De acordo com a entrevistada Constantina Josefa da Mota (10/08/2025), na sociedade Bijagó, não há diferenças nos tratamentos entre homens e mulheres, nem se valoriza mais uma iniciação em detrimento da outra. Apesar das cerimônias serem realizadas de formas diferentes, ambas têm o mesmo propósito, a educação das filhas e dos filhos, bem como o conhecimento dos principais segredos de ser homem ou mulher Bijagó. Durante as cerimônias, ambos se apoiam mutuamente, enquanto os homens participam da iniciação masculina, as mulheres têm a obrigação de cozinhar e preparar a comida, enquanto as mulheres participam da iniciação, os homens coletam itens na mata, como o vinho de palmeira e o óleo de palma, além de pegar peixe para alimentar as iniciadas nas barracas.

Desde a fase inicial de preparação, na qual as jovens aprendem danças e se despedem dos familiares, até a fase de iniciação propriamente dita, onde passam por processos de ensinamentos e rituais secretos, o *fanadu* reforça a identidade, o respeito e a conexão com as tradições ancestrais. A saída das barracas marca a transformação da jovem em uma pessoa considerada purificada, portadora de conhecimentos e valores essenciais para a manutenção da cultura Bijagó. Assim, o *fanadu* serve não apenas como uma passagem de fase, mas também como um momento de fortalecimento dos vínculos comunitários, preservação de valores morais e culturais, e reafirmação do senso de pertencimento à sociedade Bijagó, contribuindo para a continuidade de suas tradições através das gerações.

O *fanadu* na sociedade Bijagó surgiu em um contexto anterior à existência das instituições escolares, como uma prática tradicional necessária para a passagem dos jovens de uma fase social para outra e como uma forma de transmissão dos conhecimentos culturais e valores da etnia, como vimos.

Antigamente a cerimônia era realizada durante o período da seca, entre os meses de março e abril. Com a chegada do sistema escolar, as autoridades locais promoveram reuniões com a comunidade e os representantes das escolas, buscando alternativas que permitissem às meninas fossem iniciadas ao mesmo tempo em que estudavam (Joaquina, Entrevista, 14/05/2023).

Como resultado dessas negociações, a cerimônia foi transferida para o período das chuvas, ajustando o calendário tradicional às novas condições de vida e às demandas da escolarização. Dessa forma, observa-se que o *fanadu*, ao longo do tempo, sofreu alterações significativas em sua periodicidade e modo de realização, refletindo as transformações sociais e educativas na comunidade.

Os nossos antepassados não enfrentavam esse problema de pedir permissão ao Estado para realizar o *fanadu*, pois tudo era organizado pelos chefes tradicionais da ilha. Esse problema começou na década de 1980, quando os chefes administrativos da região enviaram um comunicado proibindo a realização do *fanadu* sem seu consentimento. Desde então, a cada época de *fanadu*, os defuntos entram em contato com a administração local para marcar os dias do ritual, realizando esse acordo por meio das danças dos defuntos (festa), que indicam a data e o mês de realização, além de marcar a entrada e saída das *barakas* de *fanadu*. Em alguns momentos, tentaram impedir a realização, mas, nunca deixamos de realizá-lo, pois ele é muito importante para nossa identidade e cultura; não permitiremos que a autoridade acabe com nossas tradições. (Joaquina, entrevista, 07/08/2025).

Para as entrevistadas não fazia mais sentido a autoridade administrativa impedir a realização da cerimônia, porque já tinham chegado no acordo de mudar a data do *fanadu*, que antes ocorria na época seca, para o início da estação das chuvas, de modo a permitir que as crianças tenham acesso tanto à educação tradicional quanto ao espaço escolar.

Constantina, entrevistada (10/08/2025), salienta que para realizar o *fanadu*, as mulheres enfrentam diversas dificuldades. Primeiramente, há a luta pelo sustento das pessoas que irão se iniciar, além da burocracia para obter a autorização junto ao poder estatal. É necessário que o Estado tenha registros aproximados do número de participantes, pois, segundo eles, essa medida visa à proteção da população, garantindo que o número de pessoas que entra seja o mesmo que sai da cerimônia. Além disso, as pessoas responsáveis pela realização do *fanadu* têm uma grande responsabilidade de cuidar da alimentação e da saúde dos iniciados durante o tempo em que permanecem na *barakas*, garantindo o bem-estar de todos durante o ritual.

Uma outra questão importante a destacar, é a chegada das igrejas cristãs, especialmente as protestantes, na ilha de Uno, que trouxeram mudanças significativas na prática do *fanadu*. Algumas denominações cristãs passaram a proibir seus seguidores de participarem dessas cerimônias tradicionais, considerando-as condenáveis ou incompatíveis com os ensinamentos religiosos. Como resultado, jovens e adolescentes que frequentam essas igrejas passam a ser impedidos de participar do ritual, o que influencia diretamente na continuidade e transmissão dessa tradição ancestral. Essa postura das igrejas tem sido uma das principais razões pelas quais algumas famílias optam por proibir suas filhas de participarem do *fanadu*, o que gera um impacto na preservação dessa prática cultural e na consciência dos valores tradicionais entre as novas gerações (Enhapam, 2023).

Lembrando que antigamente não existiam as escolas administradas por missionário evangélicos, tinham as escolas estaduais, que não impediam a participação nas cerimônias tradicionais, permitindo o uso alguns trajes do *fanadu* como: **edjedja, nepocaté**, por baixo dos vestuários. Constantina, entrevista, 10/08/2025 nos lembra que:

Na nossa época não tinha essas escolas missionários, frequentamos as escolas estadual e não nos impedia de entrar com os trajes da cerimônia, mas com as novas escolas, as crianças para não ficar sem estudar são obrigados a seguir normas das escolas de pastor que lhe proibem de fazer cerimônias.

De acordo com a entrevistada Joaquina C. Abussé (07/08/2025), antigamente, era difícil encontrar meninas não iniciadas que estivessem na idade de participar do *fanadu*, mas atualmente é possível encontrá-las, muitas delas se dizem crentes ou frequentam igrejas, já que algumas ingressam na religião sem concluir as cerimônias tradicionais. Da mesma forma, Constantina chama atenção para a quebra do segredo por parte das jovens que deram início ao *fanadu*, mas não concluíram.

Algumas meninas que não completam o *fanadu* acabam divulgando os segredos sagrados da cerimônia, o que é proibido, pois esses segredos são considerados sagrados e apenas para quem participou da iniciação; isso pode gerar conflitos e danos dentro das famílias ou ao risco de morte de algumas (Constantina, entrevistada, 10/08/2025)

Essa situação leva os responsáveis pela realização do *fanadu* a aproveitar a infância das crianças para começar o processo da iniciação, especialmente antes que elas se envolvam com a igreja e acabem deixando de participar do *fanadu*. Além disso, uma das razões para levar as meninas com menos de 12 anos é o fato de que muitas delas acabam estudando na capital do

país, onde enfrentam uma nova realidade. Assim, elas se acostumam com o novo ambiente, podendo não estar mais dispostas a voltar à ilha para participar do *nadu*.

Como mães, sentimos o dever de inserir nossas filhas na tradição cedo, para que possam seguir a sua vida de acordo com os valores bijagós e alcançar o estatuto social de uma mulher, além de terem acesso a momentos importantes, como os últimos momentos da mãe ou de outros familiares na terra, que são cerimônias exclusivas para aqueles que foram iniciados (Joaquina, entrevista, 07/08/ 2025).

Na época do *fanadu*, a maioria das mulheres costuma ir e permanecer no local da cerimônia, na *baraka*, *baloba*, (**kandjangho**), durante as etapas de iniciação, para participar e realizar a maior parte das atividades ritualísticas. Dessa forma, é difícil encontrar uma mulher em casa, ficando somente os homens e as crianças. Para uma mulher não iniciada, é considerada uma vergonha ficar sozinha em casa, pois ela não tem o direito de frequentar os mesmos espaços reservados às pessoas iniciadas, devido ao desconhecimento das regras e dos segredos do ritual. É importante destacar que participar do *fanadu* é fundamental para que a mulher conheça seus direitos e seu lugar na sociedade, pois, se não passar pelo rito, ela é vista como alguém que não pertence plenamente à comunidade. Quase todas as atividades da aldeia (*tabanka*) são divididas de acordo com camadas de iniciação, refletindo o tempo de participação de homens e mulheres nesses ritos.

Em suma, Joaquina, entrevistada, 07/08/2025, salienta que para os Bijagós de Uno, o *fanadu* foi concebido como uma forma de união e apoio entre as mulheres, pois constitui uma cerimônia que reúne todas as mulheres da *tabanka*, proporcionando acolhimento às que não têm filhas. Nesse sentido, durante o *fanadu*, nada é tratado de forma individual, mesmo que uma pessoa tenha trabalhado na preparação ou realização do ritual, esse esforço é compartilhado por toda a comunidade. Essa prática fortalece os laços de solidariedade entre as mulheres, contribuindo para que as pessoas não morram de fome ou sofram com a ausência de ajuda, uma vez que o apoio é dado de forma coletiva, o que também evita muitas mortes na *tabanka*, preservando a coesão social e a harmonia do grupo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste artigo reafirmam a importância do ritual de *fanadu* na sociedade Bijagó, destacando sua relevância enquanto rito de passagem, elemento central na formação cultural, social e identitária do povo Bijagó na ilha de Uno. A pesquisa evidenciou

que, embora as cerimônias de *fanadu* estejam passando por transformações significativas em decorrência das mudanças sociais, educativas e culturais, elas continuam sendo um pilar fundamental na preservação das tradições ancestrais e na manutenção dos valores comunitários. Essas cerimônias, que tradicionalmente simbolizam a transição da infância à fase adulta, promovem não apenas a integração social dos jovens, mas também fortalecem os laços de pertencimento e identidade coletiva, reforçando o papel do ritual como um elemento de coesão social e de transmissão de conhecimentos culturais.

A análise revelou que o *fanadu* possui múltiplas dimensões, simbólica, educativa, social e moral. Por meio dele, os jovens aprendem os valores, normas, segredos e conhecimentos tradicionais que definem a identidade Bijagó. Esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração e representam elementos essenciais à continuidade cultural, além disso, o *fanadu* reforça a hierarquia social, o respeito aos mais velhos e a valorização das normas e valores tradicionais, garantindo assim a preservação do patrimônio cultural imaterial. Mesmo diante da crescente influência de sistemas formais de educação e da modernização, a cerimônia de *fanadu* mantém sua força simbólica, atuando como uma resistência cultural e uma reafirmação da identidade comunitária diante de um mundo em constantes mudanças.

Entretanto, o estudo também revelou que as transformações ocorridas ao longo do tempo impactaram diferentes aspectos do ritual, uma das principais mudanças refere-se ao calendário de realização do *fanadu*, que anteriormente ocorria durante a estação seca e passou a ser realizado na época de chuvas, fruto de negociações entre as autoridades tradicionais e a escola. Essa modificação demonstra a capacidade de adaptação do ritual às novas condições de vida, sem que perca seu valor simbólico. Outra questão importante destacada nesta pesquisa é a diferenciação de etapas e locais do *fanadu* entre homens e mulheres, reforçando a importância dos papéis de gênero na sociedade Bijagó, os processos de iniciação, embora distintos no conteúdo e nas ações, possuem o mesmo objetivo, a formação de indivíduos capazes de contribuir para a continuidade cultural e social da comunidade. Vale destacar que o estudo aponta para a necessidade de valorizar e preservar essas tradições diante do impacto das mudanças sociais, do sistema educacional formal e do contato com outras culturas. A perda ou descaracterização do *fanadu* representaria uma ameaça à integridade cultural do povo Bijagó, além de significar a perda de uma importante fonte de conhecimento comunitário e de coesão social, assim, é imperativo que haja uma valorização maior dessas práticas, promovendo o diálogo entre as tradições e as demandas do mundo contemporâneo, de modo a garantir sua sobrevivência e revitalização.

Por fim, as reflexões apresentadas neste estudo contribuem para o entendimento e a valorização do patrimônio cultural imaterial do povo Bijagó, ressaltando a importância de políticas que promovam a preservação e o respeito às suas manifestações culturais. É fundamental que futuros estudos aprofundem a compreensão das diversas variantes do *fanadu* em outras ilhas do arquipélago, assim como o impacto das dinâmicas sociais recentes na manutenção dessas tradições, além de valorizar as manifestações culturais tradicionais, é essencial promover ações de educação intercultural e de valorização do patrimônio imaterial, incentivando a participação dos jovens e das novas gerações para que essas práticas não se percam, garantindo assim a continuidade de uma identidade que é fonte de orgulho e resistência para o povo Bijagó. Dessa forma, o *fanadu* continuará sendo, não apenas um rito de passagem, mas um símbolo vivo da história, da resistência e da esperança de um povo que mantém suas raízes firmes mesmo diante das transformações.

REFERÊNCIAS

ABUSSÉ, Joaquina C. **Entrevista**. Ilha de Uno, Guiné-Bissau, agosto de 2025.

BACURIM, Felisberto Júnior Pedro. **A caminho de Unhocomo: um estado sobre cosmologia Bijagó e a relação da vida com a morte**. Trabalho de Conclusão de Curso em Humanidades, UNILAB, São Francisco do conde, 2018.

CARVALHO, João Paulo e MADEIRA, Branco. **A Gestão do Espaço e da Propriedade Tradicional no Arquipélago dos Bijagós**. Universidade Técnica de Lisboa /Lisboa.2009.

ENHAPAM, Nezi Conauin Flávio. **Ritos da iniciação feminina (Fanadu di Mindjer) do povo Bijagó na Guiné-Bissau: ensino e transmissão de valores sociais e culturais**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, Bahia, 2023.

FERNANDES, Elisio Julio. **Mutilação genital feminina na Guiné-Bissau como uma prática que viola os Direitos Humanos**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará, 2016.

FORTES, Paula. **Bijagós: sociedade matriarcal**. Baula. 10 de fevereiro, 2011. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/a-ler/bijagos-sociedade-matriarcal>. Acesso em: 26.10. 2025

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
Manual de cuidados paliativos / Academia Nacional de Cuidados Paliativos- Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009. 320p.

MONTEIRO, Nadesda Augusto. **Fanadu das mulheres na Guiné-Bissau: uma discussão sobre ritos de passagem e sexualidade feminina**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, Bahia, 2022.

MOTA, Constantina Josefa da. **Entrevista**. Ilha de Uno, Guiné-Bissau, agosto de 2025.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PROETTI, Sidney. **As pesquisas qualitativas e quantitativas como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo**. *Revista Lumen-ISSN: 2447-8717*, v. 2, n. 4, 2018.

RODOLPHO, Adriane Luisa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica**. *Estudos teológicos*, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

ROSÁRIO, Flávio. **Usos e costumes da etnia Bijagó e as suas relações com defuntos**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, Bahia, 2018.

SAPORETTI, LUIS ALBERTO et al. Aspectos particulares e ritos de passagem nas diferentes religiões. **Academia Nacional de Cuidados Paliativos. Manual de Cuidados Paliativos Rio de Janeiro: Diagraphic**, p. 309-20, 2009.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Etnologia dos Bijagós da ilha de Bubaque**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, Bissau, 1978.

«Trilhas Ecoturísticas, Arquipelagos dos Bijagos». IBAP, Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas. 2018. Consultado em 21 de maio de 2018. Arquivado do [original](#) em 22 de maio de 2018

TURNER, Victor W. **O processo ritual; estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campri de Castro. Petrópolis, Vozes LTDA, 1974. 19.